

Um desafio à medicina: a alergia

As pesquisas progredem, mas os mistérios da alergia ainda estão longe de ser esclarecidos. Os mecanismos da alergia tornam-se cada vez mais conhecidos. Hoje, consegue-se, por exemplo, determinar com frequência se uma

urticária, um eczema, uma asma, uma conjuntivite, uma coriza persistente ou temporária, um edema, uma dor abdominal ou uma diarréia são de origem alérgica. Entretanto, ainda não se comprehende exatamente por que 14 a 18% da

população mundial são sujeitos a manifestações alérgicas e o resto não é. Não se sabe por que algumas pessoas não suportam o pólen de determinada planta, ou a presença de um gato, ou a penicilina, ou a atmosfera de certa sala, ou

ainda os peixes, os ovos, a menor partícula de repolho ou um produto químico. Ignora-se igualmente, até agora, por que determinada substância no ar que respiramos, nos objetos que manipulamos ou em que tocamos, ou certos alimentos

são responsáveis por indisposições de diversos tipos, enquanto outras substâncias, encontradas em quase toda parte, não provocam nenhuma reação nos seres humanos. Tudo isso indica até que ponto a descoberta de um tratamento eficaz pa-

ra as alergias continua sendo aleatória. E é disso que trata este artigo, escrito por Madeleine Franck, da revista francesa *Le Point*, que entrevistou especialistas de diversos países em tratamento contra manifestações alérgicas.

Testes buscam identificar causas

Até há poucos meses, Christiane D., 30 anos, médica, era uma mulher sem problemas: um casamento feliz, um filho de três anos, uma profissão que ela adora. Mas numa noite, enquanto passava as férias na Córsega, seu corpo inteiro ficou coberto por uma urticária gigante, alguns minutos depois de ela ter tido relações sexuais com o marido.

A urticária passou logo, mas cada vez que o casal tinha relações, a crise reaparecia. Ela se cessou no dia em que o marido da médica passou a usar um preservativo. Voltando a Paris, onde mora, Christiane consultou um alergista. Os testes confirmaram que ela já suspeitava: é alérgica — ou melhor, tornou-se alérgica — ao esperma; ao esperma em si e não somente ao de seu marido. Foi possível fazer alguma coisa por Christiane? Parece que sim. Após um mês e meio de tratamento, ela manteve relações sexuais não protegidas, sem problemas. E, sem dúvida, poderá ter o segundo filho que deseja.

Esse é um caso raríssimo, mas demonstra a incalculável diversidade de substâncias normalmente inofensivas que podem, em determinadas pessoas, provocar reações de intolerância, às vezes com risco de vida.

Sob o ponto de vista etiológico, a alergia — do grego *alleos* (outro) e *ergon* (ação) — significa reação diferente, isto é, não habitual, imprópria, a um estímulo normalmente anódino. Chama-se alergêntica toda substância responsável por uma reação alérgica.

João, um garoto de dez anos, até então perfeitamente saudável, é repentinamente afigido por singulares crises de sufocação. As crises ocorrem extatamente todos os domingos, pouco antes do café da manhã. Um especialista consultado algumas semanas mais tarde faz um interrogatório. O que acontece de especial nessa família nas manhãs de domingo? Ele não tarda a descobrir o mistério: algumas semanas antes, o pai começoara a praticar equitação. As crises do menino eclodem no instante que o pai volta de cavalaria.

Na semana seguinte, o pai tirou as roupas de montaria e tomou um banho de chuveiro antes de voltar para casa. O menino não sofreu mais crises. Ele era alérgico a cavalos — um dos animais mais “perigosos” nesse campo —, mais precisamente alérgico à poeira e aos fragmentos de pelo impregnados nas roupas do pai.

Exames

Há alguns anos, quando os aço-gues dos supermercados começaram a apresentar a carne em embalagens plásticas, houve uma verdadeira epidemia de distúrbios respiratórios graves entre os embaladores. O plástico, soldado pelo calor, desprendia vapores que provocavam alergia. Agora, a carne é embalada sob coifas aspirativas. Os acidentes desapareceram.

Outra epidemia imprevista de distúrbios alérgicos: nas fábricas de conservas de camarões dos países nórdicos, quando o descascamento manual foi substituído pela limpeza automática a ar comprimido. Também, aqui, logo se instalaram sistemas de proteção, para que os operários não respirassem mais as microscópicas partículas de poeira que as primitivas instalações espalhavam pelas fábricas.

A história do pequeno João e as duas epidemias dos trabalhadores constituem casos excepcionalmente simples. Em primeiro lugar, porque a causa dos distúrbios foi rapidamente descoberta, e em segundo por ter sido suprimida. Evitar definitivamente qualquer contato com o “inimigo”, quando isso é possível, garante a cura.

Geralmente, tudo é bem mais complexo, tanto no que diz respeito ao diagnóstico como à cura — ou atenuação — dos fenômenos alérgicos.

Centro de Alergia do Hospital Rothschild, Danièle B., 35 anos, mangas arregadas, tem os dois braços estendidos. Sobre cada braço, um tabuleiro

com uma dezena de casas, desenhadas a fio, cada qual marcada com uma palavra ou uma sigla. Em cada casa, seguindo uma ordem precisa, uma enfermeira deposita uma gota de um líquido diferente. Sobre cada gota, a pele é picada com a ajuda de um pequeno instrumento automático. É o *prick test*. Cada gota depositada sobre a pele contém o extrato de uma substância conhecida por ser frequentemente responsável por alergias: poeira doméstica, poeira das ruas, produtos químicos, pelos de gato, de cachorro, plumas, etc. Procura-se descobrir por que essa mulher — ela trabalha em Paris, reside na periferia, tem um cão e alguns gatos — tem o nariz quase sempre escorrendo, coceira nos olhos, dificuldade para respirar, crises de urticária.

Vinte minutos mais tarde, o médico vem examinar o braço. Numa das casas, e só nela, formou-se uma bolhinha bem nítida e a pele ficou avermelhada. “A senhora é alérgica aos acarídeos”, diz o médico.

Os acarídeos, ou mais exatamente os do tipo chamado dermatofágoides, são anelídeos de um terço de milímetro de comprimento, da família dos aracnídeos, que pululam nas poeiras domésticas, especialmente na poeira dos colchões, travesseiros, colchas, cobertores, onde se encontram os resíduos de pele humana da qual se nutrem. As dejeções desses acarídeos são os principais elementos responsáveis pelas alergias à poeira doméstica. Pouco importa a matéria de que são feitos o colchão, os travesseiros, os cobertores (lá, pluma, materiais sintéticos). O acarídeo prospera em toda parte. Cada fêmea põe de 20 a 50 ovos que produzem adultos em 25 dias, salvo numa atmosfera fria e muito seca, salvo também na montanha, acima de 1.200 ou 1.500 metros. Daí, provavelmente, a eficácia dos tratamentos nas montanhas para as crianças asmáticas. Algumas “descerão” ao fim de dois ou três anos definitivamente curadas. Outras sofrerão recidivas. E este não é um dos menores mistérios da alergia.

Diagnóstico

Geralmente, poucos testes bastam para descobrir a substância à qual um paciente é alérgico. Antes disso, o médico se informa sobre os possíveis suspeitos, por meio de um verdadeiro interrogatório policial. Em que circunstâncias se produzem os sintomas? O distúrbio é constante ou se manifesta por crises? Em que lugares? Em qual estação do ano? A que hora? Após a absorção de quais alimentos? Qual é a proissão do paciente? Ele tem um gato, um cão, um hamster? No caso de resultados duvidosos aos testes cutâneos — o que é frequente nas alergias alimentares —, fazem-se provas de provocação direta: fazer engolir o alérgeno suspeito, sob forma de cápsulas. Ou então, para as alergias de tipo respiratório, pode fazer-se uma provocação nasal ou brônquica por meio de aerossóis.

As vezes, porém, o diagnóstico é frustrado. Durante anos, ninguém descobriu por que, das quatro vezes que fez uma viagem aos países do Oriente Médio, uma jovem sofreu uma gravíssima enfermidade do tipo choque anafilático. O “choque” é a forma severa dos acidentes alérgicos. Suas manifestações podem ser isoladas ou formar um conjunto: urticária gigante, mal-estar intenso, dores, queda de pressão, perda de consciência, edema de Quincke, que pode se espalhar-se pelo corpo inteiro até bloquear a laringe, às vezes parada cardíaca. O choque anafilático, em sua forma mais aguda, pode ser mortal se não for urgentemente tratado com adrenalina ou corticóides. Ora, a jovem em questão, em Paris desta vez, sofreu um quinto choque, durante um almoço na casa de sua mãe. Descobriu-se então que, excepcionalmente, a mãe havia utilizado óleo de sésamo. Ora, o sésamo é frequentemente utilizado na cozinha do Oriente Médio. Um teste em que ninguém havia pensado até então confirmou a origem dos acidentes.

Mas voltemos aos testes cutâneos. Eles podem apresentar-se diferentes quando se procura a origem de outra forma de alergia: o eczema, provocado em alguns casos (nem todos os eczemas são alérgicos, como também não o são todas as urticárias) não por uma substância contida no ar nem por um alimento, mas pelo contato direto de um alérgeno com a pele. Por exemplo, 8% das mulheres — contra 2% dos homens — têm alergia ao níquel; eczemas que podem estender-se muito além do ponto de contato. Responsáveis: as bijuterias (especialmente os brincos co-

moletos “fabricados” por uma categoria de glóbulos brancos, os linfócitos B, em resposta, normalmente, a todo elemento perigoso alheio ao organismo. Com os IgE, o sistema se inverte: esses anticorpos se desenvolvem em presença de substâncias não tóxicas e provocam acidentes em lugar de nos proteger.

Outros dois testes — o primeiro para determinar a liberação da histamina e o segundo para identificar a desgranulação dos basófilos — dão informações igualmente precisas a respeito da origem das reações alérgicas.

Apesar das recentes descobertas, não houve nenhum progresso nestes últimos anos no que se refere à prevenção ou ao tratamento da alergia. Ainda hoje se ignora o mecanismo das células “T”, reguladoras do sistema de imunidade. Quanto aos novos mediadores pesquisados — como os leucotriptos e o PAF, *platelet activating factor* — dígamos que eles têm um papel direto e determinante nas reações alérgicas. Até agora, porém, não foi encontrado nenhum elemento capaz de combatê-los.

“Estou convencido de que dentro de cinco anos teremos encontrado um tratamento radical para a asma”, diz o professor Jean Dry, clínico. O professor Jacques Benveniste, pesquisador, se abstém de um prognóstico tão otimista.

Enquanto isso, continuam-se aperfeiçoando os tratamentos de dessensibilização específica, introduzidos de maneira empírica pelo norte-americano R. A. Cook, há mais de 40 anos. Esses tratamentos consistem em injetar, por via subcutânea, em doses crescentes, um extrato do alérgeno “inimigo”. Inicialmente uma vez por semana, depois a cada 15 dias, de poi todos os meses. Nos casos de febre do feno, chega-se a obter, com injeções de extratos do pólen “responsável”, até 80% de bons resultados. Para as alergias menores, como as ligadas à poeira doméstica, o éxito cai para 50% ou 60%, diminuindo ainda mais para as hipersensibilidades aos acarídeos ou a outros alérgenos. Para a asma, seja qual for o alérgeno, os resultados são quase sempre nulos.

As alergias alimentares não podem ser dessensibilizadas. Tampouco os eczemas de contato, cujo mecanismo é diferente do acima descrito. Mas as pesquisas também vêm sendo desenvolvidas para que se obtenha um grau maior de proteção aos milhões de pessoas que apresentam reações; desse tipo quando seu organismo não consegue tolerar determinada substância.

Os especialistas denunciam certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um

gato, quebra-cabeça. Eles só conseguem denunciar certos excessos. “É aberrante fazer uma dessensibilização contra o pelo de gato, quando basta separar-se do animal”, diz o professor Francisque Leynsier, acrescentando: “É criminoso, da parte dos pais que têm um</p